

VISUALIZANDO A EMANCIPAÇÃO DA HUMANIDADE

Jacques MF Depelchin

40 Anos dos 5000 anos da história da humanidade

Desde os anos das independências dos países africanos colonizados, passando pelas lutas armadas, nos Camarões e nas antigas colónias portuguesas e, desde o final do *apartheid* na África do Sul aos nossos dias, predomina uma constatação descrita, em 1968, por duas grandes figuras da literatura africana, Ahmadou Kourouma e Ayi Kwei Armah. Kourouma com a obra “Os Sóis das Independências” e Ayi Kwei Armah no seu livro *The Beautiful Ones Are Not Yet Born*,¹⁸⁹ deram aos seus leitores uma visão contundente do fracasso das independências.

Publicados em 1968, os dois livros não se debruçaram sobre as independências conquistadas pelas lutas armadas nas antigas colónias portuguesas. Sobre estas últimas, dizia-se que seriam diferentes, e até certo ponto, foram de facto. Só que, no final, qualquer observador pode notar que não há diferenças entre os países que conquistaram as independências por via de lutas armadas e os que conseguiram o mesmo objectivo por meios pacíficos (às vezes, chamadas de independências da bandeira e de hino nacional).

Observando a situação da maioria dos países africanos hoje, poder-se-ia supor que Ayi Kwei Armah diria que “os mais bonitos ainda não nasceram”. Sendo os mais bonitos aqueles que, pelo pensamento e pela atuação, trariam mudanças radicalmente diferentes dos hábitos aprendidos durante os longos séculos de dominação da Europa no continente africano. Mais adiante descreve-se,

189 Até à data da escrita deste texto, sem tradução para a língua portuguesa. A ortografia incorreta da palavra “beautyful” se deve ao facto de que assim estava escrito no autocarro popular que circulava na cidade de Accra. Ayi Kwei Armah inspirou-se nesta frase para o título do seu livro.

resumidamente, quais foram esses hábitos aprendidos, sobretudo, mas não só, pelas lideranças políticas africanas. Antes disso, precisa-se entender porque foi, aparentemente tão fácil, que membros da humanidade, que foram vítimas de desumanização sob dominação do capitalismo, esquecer que só eles, de facto, teriam vontade e capacidade de re-humanizar a humanidade. Uma re-humanização a partir de um sistema que desumanizou seria contraditória e impossível.

De “não vamos esquecer” a como se esqueceu

Talvez mais laconicamente, pode-se perguntar por que a África continua, hoje, sendo espoliada pelos países, que escravizaram e colonizaram, como se fosse um direito natural e inquestionável, derivado de uma superioridade auto-atribuída, também inquestionável? O objectivo desta curta reflexão consiste em tentar entender melhor por que a humanidade, como um todo, se encontra numa das situações mais perigosas da sua longa história. Diante da gravidade desta situação, haverá quem questione a urgência de repensar a história desumanizadora do capitalismo dentro da história do “Homo sapiens, sapiens”, lançada há 100,000-150,000 anos atrás. Sim, diante da violência descontrolada de um capitalismo, que tem demonstrando que, por definição, não é controlável, é mais do que urgente pensar nesta mesma situação.

Para que a urgência leve a mudanças radicais, é válido que se pergunte se não seria necessário partir do axioma de que o capitalismo é um crime contra a humanidade. Fases como escravatura, colonização e *apartheid* aparecem como sub-produtos de um sistema cuja capacidade de destruição da humanidade tem sido sistematicamente sub-avaliado, em grande parte, porque nunca passou pelas cabeças das sumidades dos mais beneficiados deste crime, que estariam a cometer um crime hediondo contra a humanidade. E, claro, no processo de destruição e dominação, as narrativas da história do capitalismo sobre as vítimas foram impostas como verídicas, inalteráveis. Paralelamente, a natureza teoricista do sistema, embora fazendo parte das suas estratégias e táticas (como por exemplo, o genocídio dos índios nas américas ou, mais próximo da nossa época, os vários genocídios ocorridos com as ocupações colonizadoras da África e da Ásia, o genocídio Rwandês de 1994, e a invasão do Iraque pelas tropas americanas, em 2003, sob o lema de *shock and awe*) não podia ser questionada. Um dos resultados, cada vez mais visível hoje, foi uma amenização da vontade e capacidade de destruição de um sistema, tantas vezes descrito como uma das maiores e melhores invenções para o bem da humanidade. E assim, as próprias vítimas foram levadas a crer que o melhor para elas, testemunhos primários da desumanização, era juntarem-se ao sistema e, entre os mais radicais das vítimas, pedir reparações.

Como calcular o incalculável?

Até se pode entender a lógica do pedido de reparações pelas vítimas que, de facto, contribuíram para a construção do capitalismo. No entanto, tendo em conta o tamanho da destruição causada pelo capitalismo, vale a pena perguntar, na lógica de reparações, a partir de que equações, algoritmos, a partir de que moeda, serão calculadas as reparações? Diante de uma tal pergunta, salta à vista o absurdo de tentar calcular os danos incomensuráveis de um sistema que fissionou a humanidade de tal maneira que cada pequeníssima parte desta humanidade, por causa desta fissão, deixou de se pensar como uma parte de um todo original, mais vasto, da humanidade. Mais brutalmente, o resultado está à vista: os seres humanos que mais lucraram com a destruição de outros membros da humanidade gostariam, ou prefeririam esquecer a origem comum de todos os membros desta humanidade. Esse resultado se vê nitidamente quando se examina o sistema educacional hierarquizado e a construção também hierarquizada dos conhecimentos acumulados, desde os tempos mais antigos. Ou seja, quem sabe melhor como dirigir a humanidade para um futuro cada vez mais feliz são os membros da humanidade, que consideram o capitalismo a melhor bússola para conseguir esse objectivo.

A fissão é um termo, que resultou dos avanços da física newtoniana, abrindo a porta à física quântica ou nuclear. Desses avanços, um dos passos mais conhecidos foi a invenção da bomba atômica, cuja potência de destruição foi para além das expectativas dos próprios inventores, como, por exemplo, o chefe científico do projeto Manhattan, Robert Oppenheimer.

Vale a pena lembrar a reacção deste cientista depois do ensaio de 16 de Julho de 1945, (numa zona do estado de Novo México, conhecida como Trinity) para testar e comprovar o trabalho teórico: *I am become Death the destroyer of the worlds*. Uma frase, que não vinha da cultura capitalista, mas sim de um texto mítico da civilização indiana, que Oppenheimer conhecia até no seu original em sânscrito, *O Bhagavad Gita*.

O motivo que leva a lembrar a reacção de Robert Oppenheimer tem a ver, principalmente, com a consciência que o animou, na época do acontecimento, e que só se pode adivinhar. Ele se deu conta de que uma fronteira tinha sido quebrada, na possível destruição da humanidade. Até talvez, irremediavelmente violada com a impossibilidade de retroceder.

Na experiência humana, a potência destruidora da bomba atômica e das armas nucleares que, em seguida, foram produzidas, não tem equivalente comparável. Mas vale a pena examinar de mais perto o contexto histórico, que

levou à construção e ao uso dessas armas, duas vezes, sobre Hiroshima e Nagasaki.

O debate dominante, sobretudo, do lado dos Estados Unidos e de seus aliados, tinha a ver com a melhor maneira de acabar com a resistência dos Japoneses e, deste modo, e ao mesmo tempo, diminuir o número de mortos.¹⁹⁰ Neste debate, a questão da manutenção de um sistema sócio-económico dominante e da liderança deste mesmo sistema não foi considerada. O maior contexto no qual a segunda guerra mundial terminou abriu uma possibilidade de “nunca mais”, referindo-se ao holocausto, o genocídio dos judeus e outros membros da humanidade considerados pelos nazistas como supérfluos, porque inferiores ao padrão de *übermensch* imposto pela ideologia fascista da superioridade da raça ariana branca. Mas, esta bandeira de “nunca mais” escondia a vontade do país vitorioso na 2ª guerra mundial, de dirigir o mundo. A ideia de que este objectivo poderia, um dia, assemelhar-se ao projecto dos vencidos da 2ª guerra mundial, nunca entrou seriamente em discussão.

A nível económico, pelo menos um indivíduo, John Maynard Keynes (no encontro de Bretton Woods, em 1944, que levou à criação do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial), sugeriu um sistema monetário mais equitativo, que não viesse a permitir a dominação de um país, a nível global? O objetivo de Keynes era evitar situações parecidas com o sucedido durante a crise de 1929-30. A proposta foi rejeitada pela delegação estadunidense que já se considerava a maior potência mundial e que, por isso, deveria usufruir deste privilégio.¹⁹¹

Hierarquizando a humanidade, origem do racismo

Para a maior potência militar do planeta, a narrativa do sucesso nunca poderia deixar dúvidas quanto à maneira honrosa como conseguiu esse objectivo. No entanto, o caminho para o poder, dentro de um sistema destruidor só pode levar a imitações, dentro e fora do país. Depois do fim das colonizações, tudo foi feito pelos antigos colonizadores, para que os novos países africanos independentes se esforçassem por imitar as práticas do poder colonial, tanto do ponto de vista económico quanto político. Pouco importava se essas práticas levariam a procedimentos ditatoriais de vários tipos, com consequências

190 Vários historiadores, inclusive, americanos refutaram essa argumentação. Por exemplo, veja Barton Bernstein, “The Atomic Bombings Reconsidered”. *Foreign Affairs*, 74, Jan-Feb 1995.

191 Para uma explicação detalhada do argumento de Keynes, veja, entre outros, Benn Steil, *The Battle of Bretton Woods: John Maynard Keynes, Harry Dexter White, and the Making of the New World Order*. Princeton University Press. 2013, e Robert Skidelsky, *The Non-Existent Hand*. Allen Lane. London. 2009.

letais para os habitantes desses territórios. O objectivo dos antigos colonizadores e da superpotência estadunidense era assegurar a dominação completa e total do capitalismo, custasse o que custasse. A guerra fria nasceu de uma ignorância voluntária da história da humanidade e de como se ergueu a partir de África, conhecida como o berço da humanidade. Mas mencionar como facto incontestável, ser África o “berço da civilização” consistia numa afirmação que deveria ser negada, uma vez que, para o Ocidente, tudo havia começado na Grécia antiga.¹⁹²

Para os colonizadores, que desfrutaram a sua expansão por meio de genocídios e escravatura, a narrativa dirigida aos habitantes dos territórios-alvo estava eivada de justificações sobre os benefícios trazidos pela civilização europeia. Essa narrativa honrosa estava bem ancorada na mentalidade europeia, graças, entre outros, mas não só a Hegel, Gobineau e Renan. Os motivos do ocidente eram altruístas e não podiam ser questionados, a despeito do comentário de Volney sobre as origens africanas do Egípcio Antigo.¹⁹³

Hierarquização dos conhecimentos

No processo de hierarquização da humanidade, se criou, ao mesmo tempo, uma prática de hierarquizar os conhecimentos e os membros da humanidade que, por exemplo, na antiguidade, inventaram não só a escrita, mas também conceitos-chave para manter valores como justiça, verdade, solidariedade, balanço, paz, relacionamento entre a vida e a morte, dentre outros.

No Egípcio antigo, o valor central era a justiça conhecida também através da sua deusa Mâât. A tradução de *Mâât* exige muito mais do que a de justiça. Os próprios textos em hieroglíficos testemunham um entendimento da justiça como sendo um valor defendido para todos e todas. O facto de ver no Faró o garante da *Mâât* tem criado interpretações equivocadas, como se o Faró fosse o último juiz para manter o respeito da justiça. O texto clássico com o título de “O Camponês Eloquentes” demonstra, claramente, como um camponês acaba relembando e, porque não, disciplinando o próprio Faró

192 Entre outros, ver Théophile Obenga, *African Philosophy: The Pharaonic Period: 2780-330*, traduzido do Francês por Ayi Kwei Armah. Per Ankh publishers, Popenguine, Senegal, 2004; Martin Bernal, *Black Athena*, vol 1, 2, 3 1987, 91, 2006. Os críticos responderam no vol 4, e no vol 5, Martin Bernal respondeu aos críticos com *Black Athena Writes Back: Martin Bernal responds to his critics*. Duke University Press. 2001.

193 Sobre a reação de Volney, veja Théophile Obenga, *Cheikh Anta Diop, Volney et le sphynx: contribution de Cheikh Anta Diop à l'historiographie mondiale*. Présence Africaine/Khepera. Paris. 1996.

sobre o significado e a prática da justiça. O pensar que a palavra “disciplinar” é forte demais, pode sugerir a qualquer leitor a consulta do texto.¹⁹⁴

No sistema dominado pelo capitalismo, a hierarquização das sociedades não se impôs só na área da economia, mas também em todas as áreas que tocam no quotidiano de seres humanos em todo o planeta. No processo de globalização do capitalismo, a hierarquização dos conhecimentos adquiridos pela humanidade na sua longa história foi apresentada com o viés, consciente ou não, de fortalecer só os conhecimentos que favoreciam o sistema educacional erguido a partir dos centros nevrálgicos do capitalismo.

No entanto, a respeito da palavra “disciplinar” poder-se-ia pensar que essa idéia não é tão nova, pois Michel Foucault, entre outros, focava já, sobre a questão da necessidade do sistema dominante disciplinar o acesso a conhecimentos. No entanto, Michel Foucault ficou muito aquém daquilo que podia ter construído. Se tivesse ido mais longe, é possível que a sua carreira não tivesse sido coroadada com a sua nomeação no Collège de France em Paris.

E, onde situar a obra de Karl Marx? Quanto à análise de como funciona o capitalismo, não há dúvidas sobre a sua contribuição para um melhor entendimento da sua época. No entanto, dentro desta contribuição, há lacunas. Entre outras, a idéia de que a história começou só com as lutas de classes, apesar de ter escrito bastante sobre a escravatura (sobretudo com foco no Sul dos Estados Unidos), a sua denúncia como desumanizadora da humanidade ficou aquém daquilo que podia ter sido percebido. Do ponto de vista da história de África, é legítimo perguntar se Marx não acabou reproduzindo a mentalidade que reinava no iluminismo. E do ponto de vista da história da humanidade como um todo, ele e os seus seguidores ficaram também muito aquém daquilo que era exigido pela situação em que uma parte da humanidade (povos indígenas das Américas, da África e da Ásia) viu a sua humanidade negada por artificios jurídicos.

No que diz respeito aos tempos actuais, em que se observam processos que levam à robotização do mundo, pode-se trazer, como hipótese, que o primeiro passo em direção aos robôs foi dado durante o período da escravatura quando, legalmente, seres humanos foram declarados “bens móveis”.

Cada africana e africano “alfabetizado” deveria ler o “O Código Negro” de Louis Sala-Molins, porque nesse livro o autor desmonta a lógica e a ideologia

194 Esse texto clássico com título *O Conto do camponês* pode ser visualizado no site: <http://stores.bbkwon.com> (distribuidora da cooperativa editorial Per Ankh). A diferença entre a versão clássica e esta outra de autoria colectiva tem a ver com a apresentação que inclui a transliteração e a tradução linha por linha, em 9 idiomas africanos e 3 idiomas europeus.

da superioridade ocidental (nesse caso Francês) que sustentou o decreto de Luís XIV em 1685, que nunca foi alvo de denúncias por parte dos grandes filósofos do Iluminismo.¹⁹⁵ Alexis de Tocqueville, por exemplo, costumava lembrar que “sim podemos terminar com a escravatura, mas isso não deve significar que nos devemos tornar pobres”. Em 1848, quase meio século depois de a escravatura ter terminado em Haiti, “O Código Negro” foi abolido, assim como a escravatura, mas, simultaneamente, abriu-se a porta para um outro código, dito de “indigenato”, para assegurar a manutenção dum sistema a lucrar com a desumanização dos africanos, desta vez, colonizados no continente. Esse Código do Indigenato, juridicamente iniciado no fim do século XIX, na realidade começou com a ocupação de Argélia em 1830.

Porque Haiti não podia ser Haiti?

Veja-se, por exemplo, como uma parte da humanidade rejeitou a escravatura. De 1791 até 1804, os africanos escravizados em Haiti revoltaram-se para acabar com este sistema. No dia 1 de Janeiro de 1804, a República de Haiti foi proclamada, pelos antigos escravos.

Esta revolução, na linguagem de Alain Badiou chama-se Evento, ou seja, um momento em que, por sua exemplaridade, exige uma mudança radical de comportamento. Uma mudança que exige, como diria Badiou, fidelidade ao evento, assim como ao sujeito responsável pelo evento.

Nesse sentido, “eventos” são raros na História. Em parte porque se exige um entendimento da relação política entre o evento (uma verdade) em si, os actores (sujeitos) desse evento e, em 3º lugar, uma declaração de fidelidade que tem que ser articulada com práticas políticas que respeitam, politicamente, o evento.¹⁹⁶

Do ponto de vista da fidelidade ao evento, a proclamação da República Haitiana introduziu um equívoco no sentido em que se inseriu o problema de decidir se o evento era a criação da república ou o acto (o processo) de eman-

195 Até tempos mais recentes, havia franceses que pensavam que o objectivo do decreto era proteger os escravos. Esta ilusão do altruísmo da escravidão se deve, se supõe em parte, ao artigo 42 que proibia a tortura dos escravos. Analisando (p.175) o que, de fato, acontecia em caso de abusos dos donos de escravos, Louis Sala-Molins mostra que a denúncia desses donos os deixava impunes.

196 No seu ensaio sobre a Ética, Alain Badiou fornece um resumo da relação entre o surgimento do evento (uma verdade), a emergência dum sujeito que decide manter fidelidade (acto político) a esse evento/verdade. A versão inglesa, *Ethics: An Essay on the Understanding of Evil* (Verso, 2001), introduzida e traduzida por Peter Hallward é de leitura menos árdua do que a versão original em Francês (Editions Hatier 1993).

cipação dos escravos. A introdução do equívoco é óbvia no sentido seguinte: logo após a proclamação da república, surgiu a pergunta: a fidelidade devia ser dirigida a quem? Ao sujeito responsável pela luta pela emancipação dos escravos, entendida como um acto de emancipação da humanidade? Ou esta fidelidade acabava sendo colocada em 2º lugar em relação a uma instituição (a República, o Estado independente) que, pela sua existência, corria o risco de apagar o acto, o processo revolucionário?

De facto, os vencidos do processo revolucionário usaram esta criação da República como pretexto para exigir dos novos dirigentes um pagamento (de facto uma multa), para esta ser considerada como uma nação, por outras nações. O pagamento era também uma compensação para os vencidos que alegaram que deveriam ser pagos pela perda de plantações e de escravos. O custo deste pagamento foi avaliado, pelo Presidente Aristide e o seu movimento *Fanmi Lavalass*, em mais de 20 bilhões de Euros. Esse posicionamento do Presidente Aristide a respeito de fazer com que Haiti fosse Haiti provocou uma reação negativa por parte da França, dos Estados Unidos, Canadá e seus aliados. Esta visão de Aristide não podia ser aceite pelas grandes potências que lucraram incomensuravelmente com a escravatura. Por isso, em 2004, ele sofreu um golpe de Estado, e seguiu para o exílio na África do Sul, onde ficou durante 7 anos, antes de regressar a casa em 18 de março de 2011, apesar da oposição dos Estados Unidos.

Este tipo de reação a qualquer gesto de emancipação da humanidade sempre foi reprimido pelos que consideravam o capitalismo como o ponto final da história da humanidade. Qualquer que tenha sido a forma de conquista das independências, os países que foram colonizados tinham que se submeter à disciplina exigida pelo capitalismo.

Os países que mais perderam com a revolução Haitiana, em 1804, fizeram tudo para que não se repetisse a mesma situação no continente fornecedor dos escravos. No século XX, os Estados Unidos bloquearam o futuro do Haiti (por meio duma ocupação militar de 1915 até 1934), completando o processo de sabotagem conduzida pela França e seus aliados contra o país que tinha conseguido dar um passo em frente para a emancipação da humanidade.

Das zonas libertadas à República Popular de Moçambique

Em Moçambique, pode-se considerar a criação das Zonas Libertadas um evento, pois a partir desse evento se criou um sujeito político que se pensava ser o resultado do processo que criou essas zonas, assim com uma maneira de pensar e praticar a política para manter e continuar o processo. As Zonas Li-

bertadas eram mais do que uma área geográfica. Das Zonas Libertadas, como um evento, emergiram sujeitos políticos cujos pensamentos e práticas eram alimentados pela necessidade de continuar e reforçar o processo de libertação. Assim, entre os sujeitos políticos e o evento emergiu, mesmo que tivesse sido de maneira passageira, uma fidelidade com exigências vinculadas nos passos de libertação dados naquelas zonas.

Poderiam essas Zonas Libertadas ter levado a um evento comparável à revolução Haitiana? Sucintamente, não, porque o colonialismo português, mesmo vencido, fazia parte, e continuava a fazer parte de uma organização militar, a OTAN, para o defender, contra o comunismo e para a manutenção do capitalismo.

E, como foi o caso em Haiti, a necessidade de construir um Estado independente, logicamente levou a um processo de supressão das práticas aprendidas durante o processo de criação das Zonas Libertadas. As pesquisas conduzidas pela “Oficina de História” do CEA, no Planalto de Mueda, deram possibilidade a testemunhas de falar sobre aquilo que se tinha esquecido. Por exemplo, as mulheres queixavam-se de que a FRELIMO não se lembrava delas. As mulheres diziam que, durante a luta armada, havia mais respeito dos homens para com as mulheres, e que com a independência, esse respeito diminuiu ou desapareceu.

Nas suas queixas, as mulheres apontavam também o facto de que a Organização das Mulheres Moçambicanas (OMM) não era como o Destacamento Feminino (DF) da luta armada, onde havia mais solidariedade entre as mulheres. Não é possível nesse espaço listar todos os desafios encontrados pela FRELIMO no processo de transição para a Independência.

Há pelo menos dois aspectos que vale a pena lembrar, surgidos das conversas com Aquino de Bragança. A questão de como dirigir politicamente as cidades foi um desafio a que se tentou responder, mas fracassou, pelo menos no que diz respeito à 4ª Região Militar (Lourenço Marques, hoje Maputo).¹⁹⁷ O trabalho de Alexandrino José com os operários do porto de Maputo mostrou também as dificuldades da FRELIMO se relacionar com os trabalhadores que eram acusados (num discurso do Presidente Samora Machel) de descarregar armas, munições e outros materiais para o exército colonial enquanto

197 Um grupo constituído por Alexandrino José, Teresa Cruz e Silva e o autor deste ensaio, entrevistou Amaral Matos, que fazia parte desta 4ª Região. Ele aceitou a entrevista sob a condição de não publicar, mas colocar a entrevista no Arquivo Histórico de Moçambique, em Maputo. E assim foi feito. Veja Teresa Cruz e Silva, A “Quarta Região da FRELIMO no Sul de Moambique, Lourenço- Marques 1964-1965, no site http://www.mozambiquehistory.net/periodicals/estud_moc/08/teresa_em_08.pdf.

“nós lutávamos contra eles”.¹⁹⁸ O outro comentário tem a ver com a duração da luta armada. O argumento dizia que se a luta se tivesse prolongado, teria havido possibilidades de reforçar os avanços e criar uma base política menos dependente de aliados, que se juntaram tardiamente, por oportunismo.

Mais uma vez, não há espaço aqui, nem é o objectivo deste ensaio produzir uma análise detalhada de como, dentro dos órgãos de poder do Partido e do Estado, se desenvolveu uma dinâmica diferente e, até, por vezes, na contra-mão das práticas aprendidas durante a luta armada. De vez em quando, por exemplo, Samora falava da necessidade de criar ou recriar novas *Nashingweas*, o lugar onde se formavam durante a luta armada os combatentes, antes de serem enviados para a frente da luta.

No ensaio co-autorado com Aquino, sobre a idealização da FRELIMO, foi citada uma crítica do então responsável pelo Departamento de Trabalho Ideológico no Partido, Jorge Rebelo, em que se apontavam as falhas do Partido no trabalho de mobilização.¹⁹⁹ Por exemplo, no jornal “Notícias”, havia críticas do comportamento de pessoas que acabavam por reproduzir a ideologia colonizadora cuja representação mais emblemática era apresentada por meio de caricaturas de uma figura denominada *Xiconhoca*²⁰⁰. Assim, havia, por um lado, a consciência da necessidade de continuar o processo iniciado nas Zonas Libertadas e, por outro lado, a necessidade de colocar as pessoas mais preparadas politicamente em postos que exigiam a adopção de práticas diferentes daquilo que se tinha aprendido durante a luta armada. Houve um processo de reabilitação dos moçambicanos considerados como colaboradores do sistema colonial conduzido por uma equipe liderada pelo próprio Presidente Samora Machel. O objectivo principal era unir o povo moçambicano do Rovuma ao Maputo. No entanto, embora não parecesse claro na altura, tornou-se evidente, rapidamente, que esse objetivo seria combatido com todos os recursos possíveis, pelos vencidos e seus aliados, dentro e fora do país. No comício de 14 de Fevereiro de 1981, o Presidente Samora discursou, lado a lado, com o Presidente do ANC, Oliver Tambo. No dia seguinte, o jornal “Notícias” saiu com o título “Que Venham” e com fotografias do evento proclamando: “Esmagaremos qualquer agressão”; “Somos trinta e cinco milhões” (debaixo da foto de Samora Machel e Oliver Tambo, de mãos dadas).

198 José, Alexandrino Francisco. “A greve dos carregadores da estiva do porto comercial de Lourenço Marques em Agosto de 1963 no contexto da Luta de Libertação Nacional de Moçambique, e alguns problemas da história do operariado moçambicano,” Dissertação de Licenciatura em História, Maputo, UEM/DH, 1987.

199 Aquino de Bragança, Jacques Depelchin. “Da idealização da FRELIMO à compreensão da história de Moçambique”. *Estudos Moçambicanos* [Maputo], no.5/6, 1986, p. 29-52.

200 Veja http://www.mozambiquehistory.net/80_07-09.php

Lembrar estes factos não visa desvalorizar aquilo que se tentou fazer, ou como se entendeu o inimigo. Ao longo de qualquer história, os seres humanos nunca deixam de aprender e, neste caso, nunca deixarão de esquecer que o lado dos que lucraram com processos como a escravatura, colonização, *apartheid* e agora a globalização, sempre farão tudo para continuar a lucrar. E não se pode esquecer que deste lado, os componentes deste lado mudam constantemente. A obrigação de se lembrar tem a ver com a necessidade de continuar o processo de emancipação.

Da *Mâât* a *Ubuntu*

Num discurso recente, o ex-presidente da África do Sul Thabo Mbeki falou sobre a necessidade de lembrar que na história de África houve vitórias que não deviam ser esquecidas. A sua intervenção focou sobre a vitória de Adwa (1896) na Etiópia, contra os italianos que queriam colonizar o país, imitando outros países europeus. Falou também da vitória dos africanos em Haiti (1791-1804) e do fim do *apartheid*, acrescentando o facto de que essas vitórias deveriam ficar ligadas às mentes dos africanos. Ele podia ter ido mais longe, a respeito de vitórias da humanidade, focando aspectos como a invenção da escrita hieroglífica do Egito Antigo. Podia ter falado dos ossos de Ishango descobertos por arqueólogos belgas à beira do lago Alberto no Nordeste do então Congo Belga, colónia da Bélgica. Para esses arqueólogos, esses pequenos ossos evidenciavam a invenção de matemática, entre 20.000 e 23.000 anos antes de Cristo.²⁰¹ Falando de ligação nas nossas mentes, o Presidente Thabo Mbeki poderia ter falado dos valores como a *Mâât* e *Ubuntu*, valores esses que chamam a atenção, dentre outros, sobre a justiça, relações sociais sem discriminação. Não o fez porque, se supõe, continua preso ao preconceito ocidental dizendo que tudo que é intelectual, filosofia, matemática, ciência, medicina, começou na Grécia, e assim repercutindo um outro preconceito reproduzido pelo antigo Presidente do Senegal, L.S. Senghor, segundo o qual a razão é branca e a emoção é negra.

O próprio Aimé Césaire que tinha elogiado o primeiro livro de Cheikh Anta Diop, como uma obra-prima, escreveu na sua famosa poesia autobiográfica “Eyaa para aqueles que não inventaram nada”.²⁰² Há uma desculpa plausível para Césaire: “O Caderno do retorno ao país natal” foi escrito antes da sua leitura do livro de Cheikh Anta Diop.

201 Vários cientistas têm escrito sobre os ossos de Ishango, entre outros, Paulus Guerdes, Jean-Paul Fougain, Jean-Paul Mbelek, etc. Os ossinhos originais estão conservados no Musée Royal des Sciences Naturelles de Bruxelas. Para se ter uma ideia sobre a importância desses ossinhos, leia, entre outros, o texto escrito por Jean-B. Murairi: http://www.lesbahundes.com/pdfs/publications/La_calcullette_ishango.pdf

202 Caderno do retorno ao país natal.

Mesmo Frantz Fanon não parece ter considerado a importância do trabalho de Cheikh Anta Diop que, no início da sua pesquisa, se tinha concentrado em demonstrar que os Egípcios eram negros, que o Egito, a sua cultura, os hieróglifos, e a sua civilização tinham raízes africanas. Na conclusão do seu livro *Peles Negras Máscaras Brancas*, Fanon, retoricamente pergunta que diferença faria, para um jovem martiniquês trabalhando numa plantação de cana de açúcar, que os Faraós do Egito Antigo fossem negros.²⁰³

O que se aprende mergulhando na literatura e na história do Egito Antigo é que os seres humanos daqueles tempos e os seres humanos de hoje continuam a fazer parte da espécie *homo sapiens sapiens*.²⁰⁴ Os mitos contam como esses seres humanos se encontravam constantemente atraídos para os dois lados: fazer o Bem e, o contrário, fazer o Mal. O ideal era viver cultuando a justiça, a verdade, o balanço, e a solidariedade.²⁰⁵

Viver segundo as prescrições do bem levava o ser humano para uma felicidade eterna depois de ter sido julgado, mas caso tivesse vivido contra essas prescrições o destino final seria o equivalente daquilo que, mais tarde, viria a ser conhecido como inferno.

Como o Egiptólogo Yoporeka Somet tem apontado, *Ubuntu* pode ser interpretado como a continuação ou, talvez, melhor, o ressurgimento do conceito de *Máât*.²⁰⁶ Esse conceito visto hoje como produto do Egito Antigo tem que ser entendido como resultado de um processo que começou, assim como o exemplo da matemática mencionada acima, muito tempo antes da emergência do Egito dos faraós.

A emancipação da humanidade pode ainda progredir?

A parte da humanidade cuja humanidade foi negada terá que ser levantada e ser afirmada. Os impactos das várias hierarquizações da humanidade,

203 Frantz Fanon, *Peau noire, masques blancs*. Editions du Seuil. Paris. Toda a conclusão, mas sobretudo, p. 187.

204 Assim como reafirmado em várias publicações de pesquisadores associados à escola de Egiptologia Africana, como Cheikh Anta Diop, Théophile Obenga, Yoporeka Somet, Babacar

205 Sobre esse tema dos valores positivos e negativos, veja, entre outros, Ayi Kwei Armah, *KMT- In the house of Life: an epistemic novel*. Per Ankh Publishers. 2002. Em particular, os capítulos 15 e 16, que, respectivamente, tratam dos que compartilham conhecimentos (“sharers”) e dos que guardam (“keepers”).

206 Ver o artigo de Yoporeka Somet “La pensée morale Égyptienne du 3ème millénaire avant l’ère chrétienne”. In *Ankh, Revue d’egyptologie et des civilisations Africaines*, nº 12-13, 2003-4. Neste artigo, o autor chama a atenção a semelhança entre o conceito de *Máât* e o de *Ubuntu*. (p.20).

das suas actividades, de seus conhecimentos, criaram um mundo cuja visão do presente, do futuro e do passado parece completamente bloqueada pelo triunfalismo ocidental, em grande parte, apostado na tecnologia. No processo de dominação conseguido pelo capitalismo instalaram-se certezas erradas das capacidades do sistema em resolver qualquer crise que apareça no horizonte, recorrendo à tecnologia.

No que diz respeito às relações humanas, *ersatzes* como humanitarismo, humanismo, caridade, etc. não poderão ajudar. A cura virá de processos conscientemente organizados para desmontar as hierarquizações de todos os tipos construídos por um sistema altamente desumanizador.

Dentro desses processos e com uso de transparência, terão que ser ouvidos os que mais conhecimentos acumularam, pelos que mais sofreram, com as hierarquizações da humanidade. Nesses processos, terão que ser ouvidas as vozes apagadas há séculos atrás simplesmente por terem tentado falar como seres humanos, ignorando as leis que os chamavam de “bens móveis”.

Na história do continente, houve heroínas e heróis (na maioria dos casos completamente desconhecidas e desconhecidos) que lutaram contra a escravatura, a colonização, e o *apartheid*. Uma pessoa como Kimpa Vita no reino do Kongo foi queimada viva (ainda reinava a Inquisição) por ter sido acusada por missionários italianos de herege, pelo facto de se ter oposto às práticas do rei do Kongo de vender pessoas aos caçadores de escravos. Além disso, ela organizou um movimento conhecido como os Antoninos (ela alegou que teve visões de São António). No entanto, a história que continua sendo dominante na África, é a história dos vencedores.²⁰⁷ Ora, com as pesquisas de Cheikh Anta Diop, William Chancellor e Theophile Obenga, emergiu um desafio contra a hierarquização dos conhecimentos, imposta pela Europa. Esse desafio pode ser chamado de Evento, tanto quanto a emergência da República de Haiti. Essas pesquisas alvejam um domínio em que a Europa se considerava intocável. Só que os comprovantes agregados por Cheikh Anta Diop e outros (como demonstrado no encontro do Cairo, em 1974, patrocinado pela UNESCO a pedido de Cheikh Anta Diop) não pararam de acumular evidências contrariando as teses de seus adversários.

207 No caso da República Democrática do Congo, por exemplo, David Van Reybrouck. Congo - Une histoire. Paris. Actes Sud. 2012. Nesse livro, o autor navega alegremente entre ficção e não ficção conforme a conveniência.

A emancipação da humanidade exige uma descolonização das mentes

Vale a pena lembrar certas lições das lutas e, às vezes, vitórias do passado. Por exemplo, a crítica do sistema dominante não é suficiente a partir do momento em que as críticas funcionam dentro de um sistema educacional usado sistematicamente para reforçar o mesmo sistema. Nesse sentido, a descolonização das mentes não foi muito longe. Por exemplo, como explicar a frase seguinte, tirada da autobiografia do Presidente Kwame Nkrumah, uma das maiores figuras do pan-africanismo e das lutas anti-coloniais: “Cresci numa sociedade particularmente primitiva” (p.109).²⁰⁸ A lista de personalidades desse calibre é longa. Só pode ser explicada pelo facto de que o sistema educacional, que funciona no continente continua a reproduzir a ideologia da superioridade europeia, e não só pelos europeus, mas usando correias de transmissão africanas, assim como aconteceu no processo de reprodução escravagista. Ou seja, dentro das consciências dos maiores oponentes da colonização, se manteve a ideologia colonizadora da superioridade europeia.

O aparecimento de Cheikh Anta Diop numa arena considerada reservada para mentes europeias, criou uma reação típica de rejeição. Na defesa de sua tese de doutoramento em Egiptologia, na Sorbonne (1960), a mesa do júri não podia aceitar um argumento solidamente sustentado que estivesse na contramão das opiniões dos professores. Para se proteger das consequências do trabalho de Cheikh Anta Diop, o júri aprovou a sua tese, mas com uma nota referindo que não era permitido ao candidato leccionar no ensino superior assim como orientar trabalhos de pesquisa.²⁰⁹ O objetivo era diminuir, na medida do possível, o impacto das pesquisas, publicações e orientação de Cheikh Anta Diop sobre futuros egiptólogos africanos. O sucesso desta estratégia foi parcial.

O último livro de Cheikh Anta Diop, “Barbárie ou Civilização: para uma antropologia sem compromissos”, saiu em 1981, o ano em que a universidade de Dakar mudou de nome, passando a ser conhecida como universidade Cheikh Anta Diop. O ano coincidiu com a saída do Presidente Senghor do poder e o início dos ensinamentos do Prof. Cheikh Anta Diop no ensino superior. No entanto, como qualquer observador pode notar, a mudança de nome da universidade, assim como a mudança de nomes de países africanos não teve um

208 Citação da introdução ao texto bilingue *Hieroglyphics For Babies/Les Hiéroglyphes dès le berceau*. Ayi Kwei Armah e Aboubacry Moussa Lam. Per Ankh, 1997. Dakar.

209 Cheik M'Backé Diop, *Cheikh Anta Diop: L'homme et l'oeuvre*. Paris. Présence Africaine, 2ª edição. Paris. 2003. Em particular, veja pp. 34-38.

impacto radical sobre o processo de descolonização do sistema educacional vigente no continente africano. Entre os comprovantes desta situação, salta à vista a imobilização do movimento de estudantes negros da África do Sul, que se queriam livrar do legado do *apartheid*. Uma coisa era saber e desejar jogar no lixo as estátuas de Rhodes e, a outra, era ter uma alternativa para estabelecer um outro sistema educacional, que pudesse verdadeiramente lançar um processo de emancipação da humanidade agrilhoada, no caso da África do Sul, pela lógica expressa por Alexis Tocqueville, quando notava que acabar com a escravatura não deveria significar o empobrecimento dos escravocratas.

No caso das relações entre os colonizadores e os colonizados, por um lado, e, entre os negros e os brancos da África do Sul, por outro lado, funcionou a mesma ideologia da necessidade de manter a superioridade dos que estavam acima de qualquer impunidade e que lucraram com injustiças sistemáticas. A lógica que tem funcionado a favor dos mais poderosos criou uma equação cuja manutenção significa que o poder é, e tem que ser, o resultado de injustiças marcadas pela impunidade. Nesse sentido, por exemplo, o Tribunal Penal Internacional é um dos instrumentos mais poderosos para a manutenção desta equação.

Mais cedo ou mais tarde, esta equação será vencida, sem recorrer às armas, e/ou às práticas dos poderosos de hoje. A emancipação da humanidade está nas mãos das vítimas, sob a condição delas se organizarem para não cair nas armadilhas dos mais poderosos. Talvez o lema de um tal projeto possa ser dado pelo título do livro de John Holloway: “Mudar o mundo sem tomar o poder”.²¹⁰

A re-humanização transforma-se em mais desumanizada

A história do capitalismo escrita por Karl Marx permite ilustrar, mesmo que de forma parcial, a mentalidade que se foi construindo ao longo desse tempo. No entanto, no espírito dessa mentalidade, só os que sofreram na carne e no espírito os seus múltiplos impactos, podem melhor entendê-la e combatê-la. Esta afirmação não significa que dentro do sistema dominante não haja pessoas e grupos, conhecedoras da história desumanizadora do capitalismo. Durante a escravatura, o colonialismo, ou o *apartheid*, houve pessoas que se solidarizaram com as vítimas dessas fases do capitalismo. Dizendo isso, não

210 John Holloway, *Change the World Without Taking Power*. Pluto Press 2002. Veja também do mesmo autor *Crack Capitalism*. Pluto Press. 2010.

significa que quem não viveu num campo de concentração nazista não poderia escrever algo parecido aos livros de Primo Levi, como por exemplo, "Sobrevivendo em Auschwitz". Reconhecer actos de solidariedade para com as vítimas de estupro não significa que quem não passou pela experiência de ser estuprado não possa expressar fielmente a violência desumanizadora do acto. Relatar um estupro, mesmo que seja num contexto "acolhedor", não é fácil. Exige uma coragem fora do comum porque reviver um tal acto seria reviver um trauma insuportável.²¹¹

Numa das suas palestras, Toni Morrison dissecou como a auto-censura dos afro-americanos, em particular, mas não só, repercutiu a ideologia e a cultura da superioridade racial.²¹² Qualquer ser humano terá sempre enormes dificuldades em relatar um sofrimento insuportável, pois seria uma forma de auto-tortura.

No entanto, neste início do século XXI, tem-se testemunhado um processo que pode mudar radicalmente a questão da autoria da história. O movimento *Black Lives Matter* tem contribuído para quebrar os muros erguidos durante séculos. Os autores mais eloquentes não têm vindo da academia, mas de pessoas normais, comuns. Nesse processo, o que surge é uma história escrita pelas massas.

O fenómeno de dizer e fazer com que as vidas dos negros, dos condenados da terra valham tanto quanto as vidas dos ocupantes das "Casas Grandes", tem-se manifestado de diferentes maneiras em vários lugares do planeta. Na África do Sul, por exemplo, o movimento de *Abahlali base Mjondolo*, que nasceu em Durban, manifestou os mesmos sentimentos contra as várias formas de racismo encontrado nos Estados Unidos e/ou em Santo Domingo, antes de se tornar Haiti.

O que se diz e o que é feito vai levar a uma inversão da frase *might is right* para *right is might*. Na primeira versão, o poder, mesmo que seja construído sobre injustiças conjugadas à impunidade, é justo. Na segunda versão, a justiça justa significa poder. Ora, esta segunda versão não exige pesquisas. Essa capacidade de distinguir entre justiça e injustiça tem acompanhado o desenvolvimento da espécie humana. Para distinguir entre o que é justo e o que é injusto, não é

211 Às vezes, pessoas estupradas conseguem fazer o relato, assim como, por exemplo, recentemente o fez a mulher estuprada no campus universitário de Stanford na Califórnia. A sua carta pode ser lida nesse site: (acesso no dia 28/7/2016) https://www.buzzfeed.com/katiejmbaker/heres-the-powerful-letter-the-stanford-victim-read-to-her-ra?utm_term=.lc4PA5WX5#.ki-Gay2p02

212 Veja <http://tannerlectures.utah.edu/documents/a-to-z/m/morrison90.pdf>. Acessado 30/6/2017.

preciso ser formado em direito. Em alguns dos seus livros de ficção como *Two Thousand Seasons* e *The Healers*, Ayi Kwei Armah ilustrou essa capacidade dos seres humanos.²¹³

É difícil concluir esta reflexão sem ter o sentimento de que ainda há um grande caminho a percorrer. Por exemplo, com o fim do *apartheid* na África do Sul pensava-se que estava concluído o ciclo das injustiças no continente africano. O exemplo dado pelo comportamento de Mandela depois de ter sofrido 27 anos de prisão injusta, quase que não impactou no outro lado, no sentido de ver os protagonistas brancos largar os seus preconceitos assim como as suas práticas de discriminação contra os negros.

Em 16 de Agosto de 2012, deu-se, na África do Sul, o massacre de mineiros (Marikana), que exigiam um aumento de salários. Com esse massacre de 34 pessoas sem armas, levanta-se a questão de saber se sob o capitalismo a justiça é possível. O desprezo pelas vidas dos mineiros negros funcionou como se esta situação tivesse acontecido durante o *apartheid*. Este desprezo por uma parte da humanidade significa um desprezo por toda a humanidade. Como diria Samora, “o leite vindo da mãe negra é tão branco quanto o leite da mãe branca”; e “o sangue correndo nas veias das negras e dos negros tem a mesma cor que o sangue correndo nas veias das brancas e dos brancos”.

213 Respectivamente publicados por Per Ankh Publishers em 1973 e 1978.